



O LIXO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS: REFLEXÕES A PARTIR DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Jéssica Ferreira Cardoso¹

Resumo:

Este trabalho pretende refletir sobre o lixo nas sociedades contemporâneas a fim de compreender por que, mesmo diante das tecnologias disponíveis e do esclarecimento sobre seus impactos, continuamos produzindo tanto lixo e ele continua sendo um dos principais problemas ambientais. Ele explora algumas contribuições teóricas no âmbito das ciências sociais, privilegiando como recorte espacial a cidade de São Paulo/SP, e se desenvolve em três perspectivas: a partir de uma reconstrução histórica, em que se percebe a construção dos hábitos e valores em torno do lixo juntamente com a incorporação de valores modernos como limpeza, pureza e ordem; a partir de teorias sobre a Sociedade de Consumo, em que o descarte é elemento chave da constituição e manutenção do consumismo; mas também, como parte constitutiva da relação das pessoas com as *coisas*, ou seja, da própria materialidade do mundo em constante significação e organização, e que portanto, pode ser construída de maneiras outras.

Palavras-chave: Lixo. Consumo. Sociedade de Consumo. Cultura material. Meio ambiente.

THE GARBAGE IN THE CONTEMPORARY SOCIETIES: REFLECTIONS FROM SOCIAL SCIENCES

Abstract:

This article is aimed to reflect on garbage in contemporary societies in order to understand why, even in the face of available technologies and the clarification of their impacts, we continue to produce so much garbage and it remains one of the main environmental problems. He explores some theoretical contributions in the social sciences, focusing on the city of São Paulo / SP, and develops in three perspectives: from a historical reconstruction, in which one can perceive the construction of habits and values around the garbage along with the incorporation of modern values like cleanliness, purity and order; from theories about the Consumer Society, where discarding is a key element in the constitution and maintenance of consumerism; but also as a constituent part of people's relation to *things*, that is, of the very materiality of the world in constant signification and organization, and therefore, can be constructed in other ways.

Keywords: Garbage. Consumption. Consumer society. Material Culture. Environment.

¹ Graduanda em Sociologia e Ciência Política, FESPSP, Brasil. fcardoso.jessica@gmail.com



1. Introdução

Este trabalho pretende refletir sobre o lixo nas sociedades contemporâneas ocidentais e ocidentalizadas, privilegiando como recorte espacial a cidade de São Paulo/SP.

A construção desta proposta teve como ponto de partida um certo incômodo a respeito do tratamento dado às questões ambientais. Mesmo considerando sua consolidação como tema relevante nas conversas cotidianas, no interior das organizações públicas e privadas, e inclusive pauta de discussões e acordos internacionais, ainda é comum que as questões desta ordem sejam abordadas como supérfluas e dispensáveis, “artigo de perfumaria”, percebidas sobretudo pelas onerosas mudanças que exigem. Um problema constantemente deixado para depois, ignorando os impactos já sentidos principalmente pelas formas de vida mais vulneráveis, incluindo humanas.

Neste sentido, o lixo foi assumido como objeto de pesquisa buscando compreender por que, mesmo diante das tecnologias disponíveis e do esclarecimento sobre seus impactos, continuamos produzindo tanto lixo e ele continua sendo um dos principais problemas ambientais urbanos.

A hipótese inicial se pautava na produção de lixo como uma consequência, talvez imprevista e não calculada, do estilo de vida consumista, centrado no consumo excessivo de bens e serviços, frequentemente inúteis e desnecessários.

A fim de explorar esta hipótese, nos propomos a realizar uma revisão teórica da bibliografia sobre o assunto no âmbito das ciências sociais, e com isso refletir sobre a relação que as pessoas estabelecem com as *coisas* e com outras pessoas ao consumir, usar e descartar objetos, especialmente sob a égide do consumismo, bem como refletir sobre os elementos e mecanismos que subsidiam a construção do conceito de lixo e, portanto, a classificação das *coisas* que serão descartadas.

Com o desenvolvimento da pesquisa, além do consumismo, outros elementos também se mostraram importantes para compreender o significado e as práticas que hoje empregamos ao nos relacionar (ou não nos relacionar) com o lixo.



Desse modo, após uma primeira enunciação sobre o objeto, a reflexão sobre o lixo será apresentada em três dimensões: na construção histórica como parte do processo de modernização das cidades e da própria sociedade brasileira ao longo do século XX; na Sociedade de Consumo como elemento chave da constituição e manutenção do consumismo; e também, como parte constitutiva da relação das *peças* com as *coisas*, ou seja, da própria materialidade do mundo, em constante significação e organização.

Rosana Miziara (2008) foi a principal referência utilizada na recomposição da história do lixo na cidade de São Paulo, ao passo que o cenário atual sobre produção, manipulação e disposição foi organizado com o auxílio de dados e informações públicas da Prefeitura Municipal de São Paulo e da ABRELPE - Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais.

Alice Duarte (2010) e Lívia Barbosa (2004) são importantes autoras brasileiras que investigam o consumo, das quais trouxemos um panorama geral sobre o assunto, enquanto Zygmunt Bauman (2008) e Jean Baudrillard (2007) foram as referências para abordar as características mais específicas da Sociedade de Consumo e as consequências do consumismo como fenômeno contemporâneo.

Ao final, se mostrou importante uma reflexão de cunho mais antropológico sobre a dimensão material como uma parte constitutiva da vida em qualquer sociedade, na qual, portanto, o lixo é apenas uma das formas de categorização das *coisas*. Roberto Esposito (2016), Daniel Miller (2013) e Donna Haraway (2009) foram as inspirações teóricas para lançar outras perspectivas sobre esta relação entre pessoas e *coisas*.

2. Conclusões

Com este trabalho foi possível explorar algumas perspectivas das ciências sociais que de alguma maneira ajudam a compreender os significados e práticas associadas ao lixo, presentes nas sociedades contemporâneas ocidentais e ocidentalizadas, como São Paulo/SP, e que o mantém como um dos seus principais problemas ambientais.



Inicialmente, ao propor esta reflexão, a hipótese central se pautava na excessiva produção e descarte como uma consequência, talvez imprevista e não calculada, do estilo de vida consumista, centrado no consumo excessivo de bens e serviços, frequentemente inúteis e desnecessários. Essa construção da Sociedade de Consumo é de grande importância e influência em relação ao lixo, pois, além de incitar a descartabilidade das *coisas*, precisa de uma indústria do lixo eficiente para remover todos os “restos” para o mais distante possível dos indivíduos consumidores, e para que estes continuem a consumir. O tempo final de uso dos bens se torna algo muito bem calculado e determinado, dos celulares à água mineral engarrafada.

No entanto, além do consumo e do consumismo, outros elementos também se mostraram importantes para compreender o significado e as práticas que hoje empregamos ao nos relacionar (ou não nos relacionar) com o lixo.

A partir de uma reconstrução histórica do lixo na cidade de São Paulo/SP foi possível perceber que os hábitos, tanto dos indivíduos, como da municipalidade, se consolidaram especialmente ao longo do século XX. O modo atual de manipulação, gestão e descarte, bem como o significado do que deve ser descartado e removido para longe, fez parte do processo de modernização da cidade e da própria sociedade brasileira. A própria classificação de restos e de sujeira estão intimamente relacionados com a incorporação de valores modernos como limpeza, pureza e ordem.

Se por um lado a análise destas dimensões nos mostram os mecanismos e elaborações que subsidiam o significado e a própria maneira que encontramos de lidar com o lixo na sociedade contemporânea, por outro lado, a antropologia demonstra que a própria relação entre *pessoas* e *coisas* (da qual o lixo é parte) também é uma construção. No entanto, uma construção que depende de ambas as partes, e que se faz dialeticamente.

O lixo não desaparece magicamente quando no cotidiano decidimos por “jogá-lo fora”. Se torna aquele bem material inconveniente que, individualmente procuramos um lugar para descarte, uma lixeira, e coletivamente adquire a forma de lixões e aterros, uma realidade por todo o Brasil. Um problema ambiental que passa pelos grandes volumes produzidos constantemente, pelo gerenciamento ineficiente,



e ainda pelo descarte final que está longe de ser adequado, mesmo considerando toda tecnologia e alternativas disponíveis que muitas vezes sequer são colocadas em prática.

Não quer dizer que não existam avanços e mudanças. Diversas são as iniciativas em vários países e contextos, desde políticas públicas a projetos do Terceiro Setor, bem como de Negócios Sociais, que ganham cada vez mais espaço. No entanto, a mudança de paradigma é um constante desafio que esbarra nos comportamentos mais cotidianos.

Não é apenas uma questão de ser “verde”, “ecológico” ou “sustentável”, mas de ponderar o lixo como um dos elementos que compõem a vida material de todos e todas, e que em suas características, guarda perigos e reações que afetam não só a “qualidade ambiental”, mas todas as formas de vida que incluem a humana, em especial aquelas mais vulneráveis.

As *coisas* não precisam ser necessariamente colocadas numa esfera desagradável ou inferior da vida, pelo contrário, precisamos delas para nos construir e construir o meio em que vivemos. O lixo é uma das faces dessa construção material e social, e que precisa ser considerado nas atividades mais cotidianas da vida.

Referências

ABRELPE – Associação Brasileira de Limpeza Pública e de Resíduos Especiais. **Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2016**. Disponível em <<http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2016.pdf>>. Acessado em 03 abr 2017.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 2007 [1970].

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [2007].

CETESB – COMPANHIA AMBIENTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Áreas contaminadas críticas**. Disponível em <<http://cetesb.sp.gov.br/areas-contaminadas/category/areas-contaminadas-criticas/>>. Acessado em 06 mai 2018.

CETESB – COMPANHIA AMBIENTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relação de Áreas Contaminadas e Reabilitadas no Estado de São Paulo**. Dezembro de



2017. Disponível em <<http://cetesb.sp.gov.br/areas-contaminadas/relacao-de-areas-contaminadas/>>. Acessado em 06 mai 2018.

CHAPOLA, Ricardo. O que se sabe até agora sobre o desabamento do prédio em SP. **Nexo**. Publicado em 01 mai 2018, atualizado em 02 mai 2018. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/01/O-que-se-sabe-at%C3%A9-agora-sobre-o-desabamento-do-pr%C3%A9dio-em-SP>>. Acessado em 06 mai 2018.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de ciências humanas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

DUARTE, Alice. A antropologia e o estudo do consumo: revisão crítica das suas relações e possibilidades. **Etnográfica**, vol. 14 (2), p. 363-393, 2010.

ESPOSITO, Roberto. **As pessoas e as coisas**. São Paulo: Rafael Copetti Jr., 2016 [2014].

GIRARDI, Giovana. Brasil produz lixo como primeiro mundo, mas faz descarte como nações pobres. Publicado em 07 Ago 2016. **O Estado de S. Paulo**. Disponível em <<http://sustentabilidade.estadao.com.br/blogs/ambiente-se/brasil-produz-lixo-como-primeiro-mundo-mas-faz-descarte-como-nacoes-pobres/>>. Acessado em 06 mai 2018.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org. e trad.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 [1985].

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013 [2010].

MIZIARA, Rosana. Por uma história do lixo. **InterfacEHS**, v. 3, n. 1, Artigo 6, 2008.

NINNI, Karina. Cidades geram apenas 2,5% do lixo do planeta. Publicado em 28 Set 2011. **O Estado de S. Paulo**. Disponível em <http://www.mw.pro.br/mw/eco_estadao_lixo.pdf>. Acessado em 17 mai 2018.

Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL). População recenseada; Coleta de lixo segundo origem. Disponível em: <<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acessado em 09 mai 2017.

Prefeitura de São Paulo. Aterros sanitários e transbordos. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/amlurb/aterros_e_transbordos/index.php?p=4633>. Acessado em 09 mai 2017.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 59.263, de 5 de junho de 2013. Regulamenta a Lei nº 13.577, de 8 de julho de 2009, que dispõe sobre diretrizes e procedimentos para a proteção da qualidade do solo e gerenciamento de áreas contaminadas, e dá providências correlatas. Disponível em



<<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2013/decreto-59263-05.06.2013.html>>. Acessado em 06 mai 2018.

SHWARCZ, Lilia M. (Org) **História do Brasil Nação**: A abertura para o mundo (1889 - 1930). vol 03. São Paulo: Ed. Objetiva, 2012.

SHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1988.

SILVA, Isabela Oliveira Pereira da. A tragédia depois da tragédia do incêndio no Largo do Paissandu: uma ferida aberta na cidade. **Blog da Boitempo**. Publicado em 02 mai 2018. Disponível em <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/05/02/a-tragedia-depois-da-tragedia-do-incendio-no-largo-do-paissandu-uma-ferida-aberta-na-cidade/>>. Acessado em 06 mai 2018.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa A. Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015 [2009].